

HARLAN COBEN

Sem deixar rastros





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Larry e Craig, os irmãos mais incríveis
que alguém poderia ter. Se você não acredita
em mim, pergunte a eles.*

capítulo 1

– **POR FAVOR, PROCURE** se comportar.

– Eu? – disse Myron. – Sou um amor de pessoa.

Myron Bolitar estava sendo conduzido ao longo de um dos corredores escuros do estádio de Meadowlands por Calvin Johnson, o novo diretor-geral dos Dragons de Nova Jersey. Os sapatos sociais dos dois ressoavam ruidosamente sobre o piso de cerâmica, ecoando através dos estandes vazios de sanduíches, *pretzels*, sorvete e lembrancinhas. Das paredes saía o cheirinho do cachorro-quente – meio emborrachado e artificial, porém nostalgicamente delicioso – vendido durante os jogos. O silêncio do lugar os perturbava: nada mais oco e sem vida do que um estádio vazio.

Calvin Johnson parou diante da porta de uma das tribunas de luxo.

– Você vai estranhar um pouco esta conversa – disse. – Procure dançar conforme a música.

– Tudo bem.

Calvin alcançou a maçaneta e respirou fundo.

– Clip Arnstein, o proprietário dos Dragons, está esperando por nós.

– E mesmo assim não estou tremendo – disse Myron.

Calvin Johnson balançou a cabeça.

– Comporte-se.

Myron apontou para o próprio peito.

– Vim de gravata e tudo.

Calvin enfim abriu a porta. A tribuna dava para a parte central da arena, onde vários funcionários colocavam o piso de basquete sobre o gelo do hóquei. Os Devils haviam jogado na véspera. Logo mais seria a vez dos Dragons. O lugar era aconchegante. Vinte e quatro cadeiras estofadas. Dois monitores de televisão. À direita se via o balcão de madeira sobre o qual eram servidas as comidas: em geral frango frito, cachorro-quente, bolinho de batata, coisas assim. À esquerda, um frigobar e um carrinho de metal repleto de bebidas. O lugar também contava com um banheiro privativo, de modo que os cartolas não tivessem que urinar junto à ralé.

Clip Arnstein estava de pé e olhava para eles. Vestia um terno azul-marinho com gravata vermelha. Era calvo, com tufos grisalhos sobre as orelhas. Um homem forte, ainda robusto, apesar de seus mais de 70 anos. As mãos grandes, salpicadas de manchas senis, exibiam veias azuladas que, de tão gordas, lem-

bravam mangueiras de jardinagem. Por um bom tempo ele ficou onde estava, examinando Myron da cabeça aos pés.

– Gostou da gravata? – perguntou Myron.

Calvin Johnson o fulminou com um olhar de advertência.

O velho não se adiantou para cumprimentá-los; apenas disse:

– Com quantos anos está agora, Myron?

Um modo interessante de iniciar uma conversa.

– Trinta e dois.

– Tem jogado ultimamente?

– Pouco – respondeu Myron.

– Está em forma?

– Quer que eu faça umas flexões?

– Não será necessário.

Ninguém se sentou nem ofereceu uma cadeira aos recém-chegados. Naturalmente os únicos assentos disponíveis ali eram os fixos, que davam para a arena, mas ainda assim era estranho ficar de pé num encontro de natureza profissional. Myron aos poucos foi ficando inquieto, sem saber ao certo o que fazer com as mãos. Pescou uma caneta do paletó, mas não adiantou. Então enfiou as mãos nos bolsos e ficou naquela postura canhestra, afetando a displicência de um modelo de propaganda de moda.

– Myron, temos uma proposta interessante para lhe fazer – disse Arnstein.

– Proposta? – devolveu Myron, o incorrigível interrogador.

– Sim. Fui eu quem o recrutou, você sabe disso.

– Sei.

– Dez, 11 anos atrás. Quando eu ainda estava com os Celtics.

– Eu sei.

– Primeira bateria.

– Eu me lembro muito bem, Sr. Arnstein.

– Você era uma bela promessa, Myron. Um jogador inteligente. Um toque inacreditável. Um poço de talento.

– “Eu poderia ter sido alguém” – disse Myron.

Arnstein franziu a testa numa careta que se tornara famosa ao longo dos seus mais de 50 anos dedicados ao basquete. A tal careta surgira na década de 1940, quando o jovem Clip ainda jogava com os Rochester Royals, hoje extintos. Tornara-se ainda mais conhecida depois que, já como técnico, ele conduziu os Boston Celtics à vitória em vários campeonatos. E foi alçada à condição de lenda após as famosas contratações feitas como presidente do time. Três anos antes, Clip havia se tornado o sócio majoritário dos Dragons de Nova Jersey,

e a careta agora residia na East Rutherford, na altura da saída 16 da New Jersey Turnpike.

– O que é isto, Marlon Brando? – ele cuspiu, áspero.

– Estranho, não? É como se o próprio Marlon estivesse com a gente.

Subitamente, as feições de Clip relaxaram. Ele agora meneava a cabeça lentamente, fitando Myron com uma expressão paternal.

– Você brinca para esconder a dor – falou, sério. – Eu entendo.

– Posso lhe ser útil em alguma coisa, Sr. Arnstein?

– Você não chegou a participar de nenhum jogo profissional, chegou?

– O senhor sabe muito bem que não.

Clip mais uma vez meneou a cabeça.

– Seu primeiro jogo na pré-temporada – lembrou. – Terceiro quarto. Já havia marcado 18 pontos. Nada mal para um novato em seu primeiro amistoso. Foi então que o destino lhe pregou uma peça.

A peça do destino havia sido Burt Wesson, um grandalhão dos Washington Bullets. Uma trombada violenta, uma dor lancinante, um apagão.

– Uma grande tragédia – arrematou Clip.

– Ahã.

– Nunca consegui aceitar direito isso que aconteceu com você. Que desperdício.

Myron olhou de relance para Calvin Jonhson, que olhava para o nada de braços cruzados, um lago plácido nas feições do rosto negro.

– Ahã – disse Myron novamente.

– Por isso eu gostaria de lhe dar uma nova chance.

Myron teve certeza de que tinha ouvido mal.

– Como é que é?

– Temos uma vaga no time. Gostaria de contratá-lo.

Myron esperou um instante. Olhou para Clip, depois para Calvin. Nenhum dos dois estava rindo.

– Cadê? – perguntou ele.

– Cadê o quê?

– A câmera. É um daqueles programas de pegadinha da TV, não é?

– Não é pegadinha nenhuma, Myron.

– Só pode ser, Sr. Arnstein. Faz 10 anos que não participo de um torneio de basquete. Fraturei o joelho, lembra?

– Tudo bem. Mas, como você mesmo disse, isso foi há 10 anos. Sei que conseguiu recuperar seu joelho depois da cirurgia e de muita fisioterapia.

– Então deve saber também que tentei voltar a jogar. Sete anos atrás. Mas o joelho não aguentou.

– Ainda era muito cedo – argumentou Clip. – E você acabou de dizer que voltou a jogar.

– Partidas de fim de semana. Um pouquinho diferente da NBA...

Clip desqualificou o argumento com um gesto de mão e disse:

– Você está em plena forma. Até se ofereceu para fazer flexões.

Myron apertou as pálpebras, correndo os olhos de Clip para Calvin Johnson, e novamente para Clip. Ambos exibiam uma expressão neutra.

– Por que tenho a sensação de que vocês estão escondendo alguma coisa?

Clip finalmente sorriu e olhou para Calvin, que se viu obrigado a fabricar um sorriso também.

– Talvez eu devesse ser menos... – Clip buscou a palavra certa – vago.

– Seria ótimo.

– Quero você no meu time. Não importa se vai jogar ou não.

Myron novamente ficou esperando por alguma luz. Vendo que nenhuma viria, disse:

– Ainda um tanto vago.

Clip exalou um longo suspiro. Caminhou até o frigobar e de lá retirou um Toddynho. Havia um estoque de Toddynhos na geladeira. Hum. Ele havia se preparado.

– Você ainda gosta desta porcaria?

– Gosto – disse Myron.

Clip arremessou a caixinha para ele e encheu dois copos com algo que derramou de um decantador. Depois de entregar um dos copos a Calvin, apontou para as cadeiras diante da vidraça. Perfeitas. Exatamente na linha central da arena. E com um razoável espaço para as pernas. Mesmo Calvin, que tinha mais de dois metros, podia se espichar um pouco. Os três se sentaram lado a lado, todos virados para a arena, o que ainda era estranho. Numa reunião de negócios as pessoas geralmente se sentam de frente umas para as outras, ao redor de uma mesa. Mas ali eles estavam ombro a ombro, olhando para a equipe que afixava o tablado.

– Saúde – brindou Clip, e bebeu um gole de uísque.

Calvin Johnson apenas ergueu seu copo. Myron, obedecendo às instruções do fabricante, agitou o Toddynho.

– Se não estou enganado – prosseguiu Clip –, você agora é advogado.

– Sou membro da Ordem – falou Myron –, mas raramente preciso advogar.

– Agencia atletas, não é?

– É.

– Não confio em agentes – disse Clip.

– Nem eu.

– De modo geral são uns sanguessugas.
– Preferimos o termo “entidades parasitas” – disse Myron. – É mais politicamente correto.

Clip Arnstein se inclinou para a frente e cravou os olhos em Myron.

– Como vou saber se posso confiar em você?

Myron apontou para si mesmo.

– Minha testa. Está escrito nela que sou uma pessoa confiável.

– Tudo bem.

– Você me dá sua palavra de que nossa conversa não sairá desta sala?

– Dou.

Clip hesitou um instante. Olhou para Calvin Jonhson, reacomodou-se na cadeira e por fim disse:

– Você conhece Greg Downing, claro.

Claro que Myron conhecia Greg Downing. A rivalidade entre os dois se instalara logo no primeiro jogo de um campeonato municipal em que eles haviam se confrontado, ainda no ensino fundamental, a menos de 20 quilômetros de onde Myron estava agora. No ensino médio, Greg se mudara com a família para a cidade vizinha de Essex Falls, pois o pai não queria ver o filho dividindo a ribalta do basquete com Myron. Foi então que a rivalidade entre os garotos tomou novas proporções. Ao longo do ensino médio, ambos se enfrentaram oito vezes, cada um vencendo quatro jogos. Myron e Greg haviam se tornado os atletas mais cobiçados de Nova Jersey, e depois ingressaram em universidades com times fortes de basquete e um longo histórico de rivalidade: Myron na Duke e Greg na Universidade da Carolina do Norte.

Nos anos de faculdade, dividiram duas capas da *Sports Illustrated*. Suas equipes haviam vencido duas vezes o campeonato da Costa Leste, mas Myron vencera um campeonato nacional. Tanto ele quanto Greg foram incluídos pela crítica especializada na lista de melhores armadores do basquete universitário. Até a formatura, a Duke e a Universidade da Carolina do Norte se enfrentaram 12 vezes, com oito vitórias para a equipe de Myron. À época dos recrutamentos para a NBA, ambos foram escolhidos logo na primeira bateria.

A rivalidade atingiu seu ápice.

No entanto, a carreira de Myron chegou ao fim quando ele trombou com o gigante Burt Wesson. Greg Downing, por sua vez, escapou das garras do destino para se tornar um dos principais armadores da NBA. Durante a carreira de 10 anos com os Dragons de Nova Jersey, foi convocado oito vezes para a equipe “All-Star” americana. Por duas vezes foi o jogador com o maior número de cestas de três pontos; por quatro, o jogador com o maior aproveitamento de lances

livres; e por uma, o jogador com o maior número de assistências. Estampou a capa de três edições da *Sports Illustrated* e venceu um campeonato da NBA.

– Sim, conheço Greg – respondeu Myron.

– Vocês se falam com frequência? – perguntou Clip Arnstein.

– Não.

– Quando foi a última vez que se falaram?

– Não lembro.

– Nos últimos dias?

– Acho que faz 10 anos que não falo com Greg.

– Ah – disse Clip, e deu mais um gole no uísque. Calvin ainda não havia tocado no seu. – Bem, você deve ter ouvido sobre a contusão dele.

– Alguma coisa no tornozelo, não é? – falou Myron. – Coisa de rotina. Pelo que sei, ele está afastado, em recuperação.

Clip fez que sim com a cabeça.

– Essa é a história que passamos para a mídia. Mas não é exatamente a verdade.

– Ah, não?

– Greg não se contundiu – revelou Clip. – Ele desapareceu.

– Desapareceu? – De novo o incorrigível interrogador.

– Sim. – Clip deu mais um gole. Myron também bebeu um pouco do achocolatado, embora sua vontade fosse sorvê-lo até o fim.

– Desde quando? – perguntou.

– Faz cinco dias.

Myron olhou para Calvin, que permanecia impassível. Mas assim era o rosto dele. Nos tempos em que jogava, tinha o apelido de Geleira, pois raramente demonstrava alguma emoção. Ainda fazia jus ao nome.

Myron fez nova tentativa:

– Quando você diz que Greg “desapareceu”...

– Sumiu do mapa – disse Clip. – Se escafedeu sem deixar rastros. Chame como quiser...

– Vocês avisaram à polícia?

– Não.

– Por que não?

Clip novamente fez um sinal com a mão.

– Você conhece o Greg. Ele não é nada convencional.

A obviedade do milênio.

– Nunca faz o que se espera dele – prosseguiu Clip. – Detesta a fama que conquistou. Gosta de ficar sozinho. Inclusive já sumiu outras vezes no passado, mas nunca durante a fase final do campeonato.

– E daí?

– E daí que há uma grande probabilidade de que ele esteja apenas sendo o esquisitão de sempre – disse Clip. – Greg arremessa como ninguém, mas verdade seja dita: está a dois passos da demência. Sabe o que ele faz depois dos jogos?

Myron negou com um aceno de cabeça.

– Dirige um táxi na cidade. Isso mesmo que você ouviu: a porcaria de um táxi amarelo em Manhattan. Diz que é pra se aproximar das pessoas comuns. Greg não comparece a nenhum evento público. Não faz publicidade nem dá entrevistas. Nem sequer contribui com alguma causa filantrópica. E o jeito que ele se veste? Parece um personagem de um daqueles seriados da década de 1970. O cara é um louco de pedra.

– O que o torna ainda mais popular entre os fãs – observou Myron. – E portanto vende mais ingressos.

– Concordo – disse Clip –, mas isso só corrobora a minha tese. Chamar a polícia traria enormes prejuízos não só para o próprio Greg, mas para a equipe inteira. Você pode muito bem imaginar o circo que a mídia faria com uma história dessas, não?

– Seria um horror – admitiu Myron.

– Exatamente. Mas e se ele estiver apenas dando um tempo em French Lick, ou em qualquer outro buraco onde costuma se enfiar durante as férias, pescando ou fazendo sei lá o quê? Meu Deus, a novela não teria mais fim. Por outro lado, suponhamos que ele tenha aprontado alguma.

– Aprontado alguma? – repetiu Myron.

– Sei lá. É apenas uma suposição. Mas não preciso de um maldito escândalo nessa altura do campeonato. Não com as finais se aproximando, entende?

Myron não entendia, mas deixou passar.

– Quem mais sabe dessa história? – perguntou.

– Só nós três.

Os funcionários do estádio já armavam as cestas. Havia um par adicional para o caso de alguém quebrar a tabela. Como a maioria dos estádios, o Meadowlands de Nova Jersey dispunha de mais assentos para o basquete que para o hóquei – no caso, mil assentos a mais. Myron deu outro gole no Toddynho e deixou que o líquido escorresse lentamente garganta abaixo. Só então fez a pergunta óbvia:

– E eu, onde entro nisso?

Clip hesitou antes de responder. Respirava com certa dificuldade, quase ofegando.

– Sei alguma coisa sobre o seu passado no FBI – disse afinal. – Nenhum de-

talhe, claro. Apenas coisas vagas, mas o bastante pra saber que você tem alguma experiência. Queremos que você encontre o Greg. Na surdina.

Myron não disse nada. Ao que parecia, seu passado de “agente secreto” não tinha absolutamente nada de secreto. Clip deu um gole em sua bebida, olhou para o copo cheio de Calvin e depois para o próprio Calvin, que finalmente provou o uísque. Voltando a atenção para Myron, continuou:

– Greg agora é divorciado. A bem da verdade, é um solitário. Todos os amigos dele... ou melhor, todos os conhecidos, são os companheiros de equipe, que funcionam como uma espécie de grupo de apoio, por assim dizer. São a família dele. Se alguém souber onde ele está... e se alguém estiver ajudando Greg a se esconder, só pode ser um dos Dragons. Vou ser honesto com você: esses caras são um pé no saco. Um bando de mimadinhos que acham que nosso único objetivo na vida é servi-los. Mas todos têm uma coisa em comum: veem os cartolas como inimigos. “Nós contra o mundo”, esse tipo de bobagem. Nunca nos dizem a verdade. Nem aos jornalistas. E se você tentar se aproximar deles como, digamos, uma “entidade parasita”, também não vai ouvir a verdade. O único jeito é se tornar um deles. Um jogador. Só um jogador terá alguma chance de soltar a língua deles.

– Então você quer que eu entre na equipe pra encontrar o Greg?

Myron ouviu na própria voz os ecos de sua dor, que vieram à tona contra a sua vontade. Percebendo que os outros dois tinham reparado nisso, corou de vergonha.

Clip tocou-o no ombro.

– Myron, fui sincero quando disse que você poderia ter sido um grande jogador. Um dos melhores.

Myron deu um grande gole no Toddynho; estava farto dos golinhos.

– Desculpe-me, Sr. Arnstein. Não vou poder ajudá-lo.

O cenho franzido novamente deu o ar de sua graça no rosto de Clip.

– Não?

– Tenho uma vida. Agencia atletas. Tenho clientes que precisam dos meus cuidados. Não posso abandonar tudo de uma hora para outra.

– Vai ganhar a remuneração mínima dos jogadores. O que equivale a cerca de 200 mil dólares. E só faltam algumas semanas para as finais. Até lá vamos mantê-lo no time, aconteça o que acontecer.

– Não. Meus dias de jogador acabaram. Além do mais, não sou nenhum detetive particular.

– Mas precisamos encontrar o Greg. É possível que ele esteja correndo algum perigo.

– Sinto muito. Minha resposta é não.

Clip sorriu.

– E se colocarmos mais algum docinho na sua boca?

– Não.

– Um bônus de 50 mil.

– Desculpe.

– Mesmo que Greg dê as caras amanhã, você receberá seu bônus. Cinquenta mil pratas. Mais uma porcentagem da renda das finais.

– Não.

Clip se recostou na cadeira. Olhando fixamente para o uísque, afundou nele o indicador e remexeu o líquido. Displícientemente, falou:

– Você falou que agencia atletas, certo?

– Certo.

– Sou muito amigo dos pais de três garotos que vão ser recrutados na primeira bateria. Sabia disso?

– Não.

– Suponhamos – disse Clip lentamente – que eu prometa a você um contrato com um desses garotos.

Myron ficou subitamente interessado. Um contrato com um atleta recrutado logo na primeira bateria de convocações. Tentou manter a calma, dar uma de Geleira, mas seu coração retumbava no peito.

– Como pode me prometer uma coisa dessas?

– Confie em mim.

– Não me parece muito ético.

Clip deu um risinho de escárnio.

– Myron, não vá querer bancar o santo comigo agora. Você me presta esse pequeno serviço, e a MB Representações Esportivas ganha seu primeiro contrato com um atleta de primeira bateria. Dou minha palavra. Seja lá qual for o desfecho dessa história com o Greg.

MB Representações Esportivas. A agência de Myron. Myron Bolitar. Daí o MB. Uma agência de representação de atletas. Daí o Representações Esportivas. Somando uma coisa a outra: MB Representações Esportivas. O próprio Myron havia cunhado o nome, mas até então nenhuma agência de publicidade havia requisitado seus talentos criativos.

– Cem mil dólares de bônus logo na contratação – contrapôs ele.

Clip sorriu.

– Você aprendeu direitinho, Myron.

Myron deu de ombros.

– Setenta e cinco mil – ofereceu Clip. – E você vai aceitar. Sou macaco velho, não perca seu tempo tentando me passar a perna.

O acordo foi selado com um aperto de mãos.

– Tenho mais algumas perguntas quanto ao sumiço de Greg – disse Myron. Apoiando-se nos dois braços da cadeira, Clip ficou de pé e se pôs diante dele.

– Calvin lhe dará todas as respostas – falou, apontando o queixo na direção do diretor-geral. – Agora preciso ir.

– Então, quando você quer que eu comece a treinar?

Clip pareceu surpreso com a pergunta.

– Treinar?

– É. Quando você quer que eu comece?

– Temos um jogo hoje à noite.

– Hoje à noite?

– Sim.

– Quer que eu jogue ainda hoje?

– Contra um dos nossos velhos adversários, os Celtics. Calvin providenciará seu uniforme a tempo. Coletiva com a imprensa às seis horas para anunciar a contratação. Não se atrase. – Clip foi saindo rumo à porta. – E use essa gravata. Gostei dela.

– Hoje à noite? – repetiu Myron, mas Clip já havia saído.

capítulo 2

ASSIM QUE CLIP DEIXOU a tribuna, Calvin Johnson se permitiu um discreto sorriso.

– Falei que seria estranho, não falei?

– Estranho é pouco – concordou Myron.

– Já terminou seu Toddynho?

Myron jogou a caixinha fora.

– Já.

– Então venha. Precisamos nos preparar para a grande estreia.

Calvin Johnson andava com desenvoltura, o tronco ereto. Era negro, magérrimo e muito alto (2,07m), mas não tinha um corpo desproporcional nem era desengonçado. Estava usando um terno cinza da Brooks Brothers, de corte perfeito. O nó da gravata também era perfeito, assim como o lustro dos sapatos. Os cabelos muito crespos começavam a retroceder, deixando a testa um tanto grande e brilhante demais. Quando Myron se matriculou na Duke, Calvin já cursava o último ano na Universidade da Carolina do Norte. Portanto tinha

uns 35 anos, embora parecesse mais velho. Tivera uma bela trajetória no basquete profissional ao longo de 11 temporadas. Ao se aposentar, três anos antes, todos sabiam que seguiria o caminho da administração esportiva. Começara como técnico-assistente, passara a gerente de elenco e recentemente fora promovido a vice-presidente e diretor-geral dos Dragons de Nova Jersey. Apenas títulos, porém. Era Clip quem comandava o circo. Diretores-gerais, vice-presidentes, gerentes de elenco, preparadores físicos e até mesmo técnicos, todos se dobravam às vontades dele.

– Espero que você leve numa boa essa sua nova missão – disse Clip.

– E por que não levaria?

Calvin deu de ombros:

– Já joguei contra você.

– E daí?

– E daí que você é um dos filhos da puta mais competitivos que já tive que enfrentar em campo – respondeu Calvin. – Pisaria na cabeça de alguém se isso fosse necessário para vencer. E agora vai esquentar a bunda num banco de reservas. Então, como é que vai ser?

– Não vai ser problema algum.

– Ahã.

– Amoleci ao longo dos anos.

Calvin balançou a cabeça.

– Duvido.

– Duvida?

– Pode achar que amoleceu. Talvez até achar que tirou o basquete da cabeça.

– E tirei mesmo.

Calvin parou, sorriu, espalmou as mãos.

– Claro que sim. Basta olhar para você, Myron. Você poderia muito bem estampar o pôster do que deveria ser a pós-vida de um atleta. Um belo exemplo para qualquer esportista. Sua carreira inteira desabou diante dos seus olhos, mas você enfrentou o desafio. Voltou para a faculdade... Para a faculdade de Direito de Harvard, ainda por cima. Abriu seu próprio negócio, uma agência de representação de atletas em franco crescimento... Ainda está namorando aquela escritora?

Ele estava falando de Jessica. Embora o relacionamento com ela andasse sempre na corda bamba, Myron respondeu:

– Estou.

– Então. Você conseguiu seu diploma, sua empresa e uma namorada bonita.

No aspecto exterior parece um homem plenamente feliz e equilibrado.

– No aspecto interior também.

Calvin balançou a cabeça.

– Acho que não.

– Não fui eu que pedi para entrar no time – argumentou Myron.

– Mas também não resistiu muito. Apenas barganhou a grana.

– Sou agente. É isso que eu faço. Barganho grana.

Calvin parou novamente e olhou para Myron.

– Você realmente acha que precisa fazer parte da equipe para encontrar o Greg?

– Na opinião do Clip, sim.

– Clip é um sujeito formidável – disse Calvin –, mas cheio de segundas intenções.

– Tipo o quê?

Calvin não respondeu. Retomou a caminhada.

Eles alcançaram o elevador. Calvin apertou o botão e as portas imediatamente se abriram. Eles entraram e foram descendo.

– Olha bem nos meus olhos – prosseguiu Calvin – e me diz, com toda a sinceridade, que nunca pensou em voltar a jogar.

– Quem nunca *pensa* em voltar? – rebateu Myron.

– Sim, mas diz aí se você não vai um passo além, se de vez em quando não dá asas à imaginação e sonha em voltar correndo para as quadras. Mesmo agora, quando está vendo algum jogo na TV, diz que não sente aquela fígada no peito. Diz que, vendo o Greg jogar, você não fica pensando em toda a glória e adulação de uma carreira de sucesso. Diz que nunca pensa: “Eu era melhor do que ele.” Porque é verdade, Myron. Greg é um ótimo jogador, um dos 10 melhores da liga. Mas você era melhor. Nós dois sabemos disso.

– Isso foi há muito tempo – disse Myron.

Calvin sorriu e disse:

– Tudo bem, vai.

– Aonde você quer chegar afinal?

– Você está aqui pra encontrar o Greg. Mas depois que encontrá-lo, você vai embora. E toda a novela chegará ao fim. Clip vai poder dizer que lhe deu uma chance, mas que você não estava à altura do desafio. Vai posar de bonzinho e receber toda a bajulação da mídia.

– Bajulação da mídia – repetiu Myron, lembrando-se da coletiva que tinha pela frente. – Seria essa uma de suas segundas intenções?

Calvin deu de ombros.

– Não importa. O que realmente importa é que você não alimente muito as

suas esperanças. Vai jogar apenas se estivermos ganhando por uma diferença muito grande, o que raramente acontece nas finais. E mesmo que aconteça, mesmo que você jogue maravilhosamente, nós dois sabemos que tudo não terá passado de uma grande colher de chá. E você não vai jogar maravilhosamente porque é um filho da puta competitivo para caramba e só joga bem quando sabe que os pontos são definitivos para a vitória do time.

– Entendo – disse Myron.

– Espero que sim, meu amigo. – Calvin ergueu os olhos para a numeração dos andares. As luzes refletiram no castanho das íris. – Os sonhos nunca morrem. Às vezes achamos que eles estão mortos, mas estão apenas hibernando como um urso velho. E quando a hibernação é muito longa, o urso acorda bravo e faminto.

– Você devia escrever música country – sugeriu Myron.

Calvin balançou a cabeça.

– Estou apenas tentando abrir os olhos de um amigo.

– Muito agradecido. Mas agora, que tal me contar tudo o que sabe sobre o sumiço de Greg?

O elevador parou e as portas se abriram. Calvin saiu primeiro para mostrar o caminho.

– Não há muito a contar – afirmou. – Jogamos contra os Sixers na Filadélfia. Depois do jogo, Greg entrou no ônibus com todo mundo e, quando chegamos aqui, saiu com todo mundo também. Foi visto pela última vez quando estava entrando no carro dele. E isso é tudo.

– Como ele estava naquela noite?

– Bem. Tinha feito um bom jogo na Filadélfia. Marcou 27 pontos.

– Mas e o estado de espírito?

Calvin refletiu um instante.

– Não notei nada de diferente – falou.

– Alguma novidade na vida pessoal?

– Novidade?

– Mudanças, esse tipo de coisa.

– Bem, teve o divórcio – observou Calvin. – Um divórcio feio. Sei que a Emily pode ser bastante difícil. – Mais uma vez ele parou e abriu um sorriso para Myron. Um sorriso de gato de Alice. Myron não o retribuiu.

– E aí, Geleira, lembrou de alguma coisa?

O sorriso se escancarou ainda mais.

– Você e Emily já não tiveram um rolo também?

– Séculos atrás.

– Namoradinhos de faculdade, se me lembro bem.
– Como eu disse, séculos atrás.
– Então – disse Calvin, voltando a caminhar –, até com as mulheres você era melhor que o Greg.

Myron ignorou o comentário.

– Clip sabe de meu suposto “passado” com Emily?
– Ele é muito meticuloso nas pesquisas que faz.
– Então foi por isso que vocês me escolheram – disse Myron.
– O fato foi levado em consideração, mas não creio que tenha sido muito importante.

– Por quê?

– Greg detesta Emily. Jamais confiaria um segredo a ela. Mas, desde o início dessa guerra pela guarda dos filhos, algo definitivamente mudou nele.

– Como assim?

– Para início de conversa, ele assinou um contrato de publicidade com a Forte, a marca de tênis.

Myron ficou surpreso.

– Greg? Um contrato de publicidade?

– Tudo foi feito assim, meio na moita – explicou Calvin. – A notícia será divulgada no fim do mês, pouco antes das finais.

Myron assobiou e falou:

– Ele deve ter recebido uma fortuna.

– Fortuna e meia, segundo ouvi dizer. Mais de 10 milhões por ano.

– Faz sentido. Um jogador popular que por mais de uma década se recusou a endossar qualquer produto. O apelo não poderia ser maior. A Forte tem uma grande presença no atletismo e no tênis, mas é praticamente desconhecida no mundo do basquete. O endosso de Greg dará a eles uma credibilidade instantânea.

– É verdade – concordou Calvin.

– Você consegue imaginar o que levou Greg a mudar de ideia depois de tantos anos?

Calvin deu de ombros.

– Talvez ele tenha se dado conta de que já não é nenhum garotão em início de carreira e resolvido encher a burra. Talvez tenha sido toda essa história do divórcio. Ou talvez ele tenha levado uma porrada na cabeça e despertado com um mínimo de juízo.

– Onde ele foi morar depois do divórcio?

– Na casa de Ridgewood. No condado de Bergen.

Myron sabia muito bem onde ficava Ridgewood. Pediu o endereço, e Calvin lhe passou.

– E a Emily? – perguntou Myron. – Onde ela está morando?

– Foi com as crianças para a casa da mãe dela. Acho que estão em Franklin Lakes, ou algum lugar naqueles lados.

– Vocês já fizeram alguma averiguação? A casa de Greg, os cartões de crédito, as contas bancárias...

Calvin fez que não com a cabeça.

– Clip achou que o assunto era grave demais para ser confiado a uma agência de detetives. Por isso chamamos você. Passei de carro pela casa de Greg algumas vezes e numa delas cheguei a bater na porta. Nenhum carro na entrada ou na garagem. Nenhuma luz acesa.

– Mas ninguém entrou na casa?

– Não.

– Então, até onde vocês sabem, é possível que ele tenha escorregado no chuveiro e batido a cabeça.

Calvin olhou para ele.

– Falei que não tinha nenhuma luz acesa. Acha que ele estaria tomando banho no escuro?

– Bem pensado – disse Myron.

– Que belo investigador você é.

– Costumo demorar para engrenar.

Eles chegaram à sala do time.

– Espere aqui – pediu Calvin.

Myron pescou seu celular.

– Você se importa se eu fizer uma ligação?

– Fique à vontade.

Assim que Calvin atravessou a porta, Myron ligou o celular e discou um número. Jessica atendeu no segundo toque.

– É melhor que você tenha uma boa desculpa – disse ela.

– Uma excelente desculpa: fui contratado para jogar basquete profissional na equipe dos Dragons de Nova Jersey.

– Ótimo. Bom jogo para você, meu amor.

– É sério. Vou jogar com os Dragons. Na verdade, “jogar” não é bem a palavra. O mais correto seria dizer que vou ralar a bunda no banco de reservas.

– Você está mesmo falando sério?

– É uma longa história, mas estou sim. A partir de hoje sou um jogador de basquete profissional.

Silêncio.

- Nunca saí com um jogador de basquete na minha vida – comentou Jessica.
- Agora vou ficar igual a Madonna.
- *Like a virgin* – disse Myron.
- Uau. A referência não poderia ser mais antiga.
- É verdade, mas... O que eu posso dizer? Sou um cara dos anos 80.
- Então, Sr. Anos 80, vai me dizer o que está acontecendo ou não?
- Agora não vai dar. Mais tarde. Depois do jogo. Vou deixar um ingresso para você na bilheteria.

Calvin espichou a cabeça pela porta.

- Que número você veste? Quarenta e dois?
- Quarenta e quatro. Talvez 46.

Calvin meneou a cabeça e voltou à sala. Myron discou o número privado de Windsor Horne Lockwood III, presidente da prestigiosa corretora de valores Lock-Horne Securities, no centro de Manhattan. Win respondeu na terceira chamada.

- Articule.
 - Articule?
 - Eu disse “articular”, não “repetir”.
 - Temos um caso – informou Myron.
 - Misericórdia... – resmungou Win com sua costureira inflexão quatrocentona. – Fico feliz com as boas-novas. Feliz, exultante, extasiado. Mas antes que eu molhe as calças de tanto júbilo, preciso fazer uma pergunta.
 - Manda bala.
 - Este novo caso... seria mais um daqueles seus rompantes de filantropia?
 - Pode ir molhando as calças, porque a resposta é não.
 - Não? Nosso heroico Myron não pensa em empreender mais uma de suas cruzadas morais?
 - Dessa vez, não.
 - Glória ao Pai nas alturas! Então o que é, afinal?
 - Greg Downing está desaparecido. Nossa missão é encontrá-lo.
 - E o que vamos receber pelos serviços prestados?
 - Pelo menos 75 mil, mais um contrato com um atleta de primeira bateria.
 - Myron julgou que aquele não era o momento de contar a Win sobre sua temporária mudança de carreira.
 - Alvissaras! – exclamou Win. – Por onde começamos?
- Myron passou a ele o endereço da casa de Greg em Ridgewood.
- Nos encontramos lá em duas horas – falou.

– Vou pegar o Batmóvel – disse Win, e desligou.

Calvin voltou à porta e estendeu a Myron o uniforme com as cores (roxo e turquesa) dos Dragons de Nova Jersey.

– Experimente isto.

Myron ficou imóvel por um instante. Ficou ali, olhando para o uniforme, o estômago ameaçando câimbras. Por fim, quase a meia-voz, disse:

– Número 34?

– É – disse Calvin. – Seu número na equipe da Duke. Eu ainda me lembro.
Silêncio.

Que foi quebrado por Calvin:

– Anda, experimenta.

Myron sentiu o marejar dos olhos. Balançou a cabeça e disse:

– Não será preciso. Tenho certeza de que é o tamanho certo.

capítulo 3

RIDGEWOOD FAZIA PARTE dos abastados subúrbios de Nova Jersey, uma daquelas cidadezinhas que ainda eram chamadas de “vilarejos”, onde 95% dos alunos iam para a universidade e ninguém deixava que os filhos se associassem aos 5% restantes. Aqui e ali se viam alguns conjuntos habitacionais, exemplos raros da explosão suburbana ocorrida em meados dos anos 1960, mas de modo geral as belas casas de Ridgewood datavam de um tempo mais remoto e, em tese, mais inocente.

Myron encontrou a casa de Downing sem nenhuma dificuldade. Estilo vitoriano. Grande, mas sem exagero: três pavimentos com um telhado de cedro perfeitamente desbotado. À esquerda havia uma daquelas torres arredondadas de cume pontudo. A varanda era ampla, com todos os apetrechos de um quadro de Norman Rockwell: um sofá de balanço; uma bicicleta de criança recostada à parede; um trenó, embora não nevasse há seis semanas. A cesta de basquete, que não poderia faltar, já se encontrava ligeiramente enferrujada, perto da via de acesso à garagem. Os adesivos vermelho e prata do Corpo de Bombeiros reluziam em duas janelas do segundo pavimento. Carvalhos centenários margeavam o caminho como sentinelas veteranos.

Win ainda não havia chegado. Myron estacionou e baixou a janela do carro. Um dia perfeito de março. O céu, azul como ovos de rouxinol. Passarinhos cantavam para completar o clichê. Myron tentou imaginar Emily ali, mas a imagem não se sustentava. Era muito mais fácil vê-la num arranha-céu em Nova York

ou numa daquelas mansões de novos-ricos, toda branca com esculturas de Erté, adornos de prata e um excesso de espelhos com molduras espalhafatosas. Por outro lado, fazia 10 anos que eles não se falavam. Talvez ela tivesse mudado. Ou talvez ele estivesse equivocado no juízo que vinha fazendo dela durante todo esse tempo. Não seria a primeira vez.

Era engraçado estar de volta a Ridgewood. Jessica havia crescido ali. Não gostava de voltar ao lugar, mas agora os dois amores da vida dele (Jessica e Emily) tinham mais uma coisa em comum: o vilarejo de Ridgewood. O mais novo item de uma lista que já incluía coisas como: conhecer Myron, ser cortejada por Myron, apaixonar-se por Myron, esmagar o coração de Myron com o salto agulha de um sapato. Coisas de rotina.

Emily fora sua primeira mulher. Perder a virgindade no primeiro ano de faculdade era tarde para os parâmetros da época, pelo menos segundo o que a rapaziada alardeava. Mas se de fato houve uma revolução sexual entre os adolescentes americanos na virada dos anos 1970 para os 1980, Myron ou ficara de fora dela ou nem sequer a percebera. Sempre fizera sucesso com as mulheres, o problema não era esse. Mas enquanto os amigos discursavam detalhadamente sobre suas diversas aventuras orgíacas, Myron parecia atrair o tipo errado de mulher, as certinhas, aquelas que ainda diziam não – ou teriam dito caso ele tivesse tido a coragem (ou a antevisão) de tentar alguma coisa.

Isso mudou na faculdade, quando ele enfim conheceu Emily.

Paixão. Uma palavra relativamente gasta, mas que Myron julgava ser a mais apropriada para seu caso. No mínimo, uma atração irresistível. Emily era o tipo de mulher que os homens costumam chamar de “gostosa” em vez de “bonita”. Um homem vê uma mulher bonita e faz o quê? Pinta um quadro, escreve um poema. Mas quem visse Emily logo pensaria em rasgar suas roupas. Emily exalava sensualidade; talvez tivesse uns cinco quilinhos a mais que o desejável, mas esses quilinhos eram distribuídos com perfeição. A dupla formava uma poderosa mistura. Ambos tinham menos de 20 anos, ambos estavam longe de casa pela primeira vez, ambos eram pessoas criativas.

Nitroglicerina pura.

O telefone do carro tocou e Myron atendeu.

– Suponho que o plano seja invadir a residência dos Downing – disse Win.

– Correto.

– Então, estacionar o carro diante da dita residência não me parece uma decisão muito sábia, concorda?

Myron olhou ao redor.

– Onde você está?

– Vá até o fim do quarteirão. Dobre à esquerda, depois a segunda à direita. Estou diante de um centro comercial.

Myron desligou e deu partida no carro. Seguindo as instruções recebidas, chegou ao estacionamento do pequeno shopping. Win estava ali de braços cruzados, recostado em seu Jaguar. Parecia, como sempre, estar posando para a capa de uma revista voltada a americanos brancos e ricos. Os cabelos louros estavam meticulosamente penteados. As faces ligeiramente rosadas, o rosto de traços marcantes e porcelânicos, talvez perfeitos demais. Usava um par de calças cáqui, blazer azul-marinho e uma gravata Lilly Pulitzer de cores berrantes. Win tinha exatamente o aspecto que se espera de alguém chamado Windsor Horne Lockwood III: elitista, autocentrado e bunda-mole.

Bem, bunda-mole ele não era.

O centro comercial abrigava um grupo eclético de estabelecimentos. Consultório ginecológico. Eletrólise. Serviço de entrega de intimações. Nutricionista. Academia só para mulheres. Como era de se esperar, Win havia estacionado junto à entrada da academia. Myron foi ao encontro dele.

– Como você sabia que eu estava na frente da casa do Greg? – perguntou.

Sem tirar os olhos da porta da academia, Win apontou o queixo para a esquerda.

– Aquela colina. Do alto dá pra ver tudo com um par de binóculos.

Uma moça com seus 20 e poucos anos, usando uma malha preta de aeróbica, saiu da academia com um bebê no colo. Não demorara muito para recuperar a forma. Win sorriu para ela. E ela sorriu de volta.

– Adoro as jovens mães – disse Win.

– Você adora malhas de ginástica.

Win confirmou com um aceno de cabeça.

– Tem razão. – Botou os óculos escuros e prosseguiu: – Então, vamos lá?

– Acha que é arriscado entrar na casa?

Win estampou no rosto sua expressão de “Vou fingir que não ouvi”. Outra mulher saiu da academia; infelizmente, não fez jus a nenhum sorriso de Win.

– Coloque-me a par de tudo – ordenou ele. – E saia da frente. Quero que elas vejam o Jaguar.

Myron contou tudo o que sabia. Oito mulheres saíram durante os cinco minutos gastos com o relato. Apenas duas mereceram o Sorriso. Uma delas usava uma malha com estampa de tigre; portanto fez jus ao Sorriso de Voltagem Máxima, o que ia de orelha a orelha.

Win dava a impressão de não ter registrado nada do que Myron disse. Mesmo ao saber que o amigo ocuparia temporariamente a vaga deixada por Greg nos

Dragons, continuara a olhar com volúpia para a porta da academia de ginástica. Típico em se tratando de Win. Myron terminou seu relato dizendo:

– Alguma pergunta?

Win levou o indicador aos lábios.

– Você acha que a tigresa estava usando alguma coisa por baixo da malha?

– Sei lá. Mas seguramente estava usando uma aliança.

Win deu de ombros. Alianças não significavam nada para ele. Ele não acreditava no amor nem nos relacionamentos com o sexo oposto. Alguns poderiam acusá-lo de machista. Mas estariam enganados. Win não via as mulheres como objetos; certos objetos mereciam seu respeito.

– Venha comigo – pediu.

Win e Myron se encontravam a menos de um quilômetro da casa dos Downing. Win já havia feito suas pesquisas, sabia qual era o trajeto que não levantaria suspeitas. Eles caminharam no silêncio confortável de dois homens que se conheciam bem e desde muito tempo.

– Há um detalhe interessante nesta história toda – disse Myron.

Win esperou.

– Você se lembra de Emily Shaeffer? – perguntou Myron.

– O nome não me é estranho.

– Fomos namorados por dois anos na Duke.

Os dois haviam se conhecido na Duke. Também haviam dividido a mesma suíte no dormitório durante quatro anos. Fora Win quem apresentara Myron às artes marciais, quem o levara a trabalhar com o FBI. Ele agora era um homem das altas finanças com sua empresa na Park Avenue, uma corretora de valores que pertencia à família dele desde os primórdios do mercado acionário. Myron alugava salas no prédio do amigo e também confiava a ele toda a gestão do patrimônio financeiro de seus clientes na MB Representações Esportivas.

Win refletiu um instante.

– Não é aquela que costumava guinchar feito um macaco?

– Não – respondeu Myron.

Win pareceu surpreso.

– Quem era aquela que guinchava feito macaco?

– Não faço a menor ideia.

– Talvez fosse uma das minhas.

– Pode ser.

Win pensou mais um pouco, sacudiu os ombros.

– O que tem ela, afinal?

– Era casada com Greg Downing.

– Eles se divorciaram?

– Sim.

– Agora me lembro – disse Win. – Emily Schaeffer, a rechonchuda.

Myron fez que sim com a cabeça.

– Nunca gostei dela – prosseguiu Win. – A não ser pelos guinchos de macaco. Tinham lá a sua graça.

– Não era ela que guinchava feito macaco.

Win sorriu discretamente.

– As paredes eram finas – falou.

– E você ficava bisbilhotando a gente?

– Só quando você baixava a cortina de modo que eu não pudesse ver.

Myron balançou a cabeça.

– Você é uma mula.

– Antes mula que macaco.

Eles alcançaram o gramado em frente à casa e caminharam até a porta. O truque era agir com a maior naturalidade possível. Esgueirar-se pelos fundos decerto chamaria a atenção de alguém. Dificilmente dois homens engratados entrando pela porta principal seriam tomados por ladrões.

Havia um teclado de metal com uma luzinha vermelha acesa.

– Alarme – disse Myron.

Win fez que não com a cabeça.

– É falso. Apenas uma luzinha. Provavelmente comprado numa loja vagabunda. – Win olhou para a fechadura e deu um risinho. – Uma Kwiktight na casa de um jogador de basquete milionário – comentou, claramente enojado. – Uma fechadura de brinquedo seria mais segura.

– Mas e a tranca embutida? – perguntou Myron.

– Não está trancada.

Win já havia tirado da carteira uma tira de celuloide. Os cartões de crédito eram rígidos demais. O celuloide funcionava bem melhor. Em poucos segundos, não mais do que teria sido necessário caso tivessem a chave, a porta se abriu e eles passaram ao hall de entrada. A correspondência, jogada através de uma fenda na porta, encontrava-se esparramada pelo chão. Myron rapidamente conferiu as datas de postagem nos envelopes. Ninguém estivera naquela casa por pelo menos cinco dias.

A decoração era bonita, de um falso rústico à la Martha Stewart. O estilo dos móveis era o que as pessoas chamavam de “country simples”, de aspecto realmente simples mas de preços astronômicos. Muito pinho, vime, antiguidades e flores secas. O perfume do *pot-pourri* era forte, chegava a enjoar.

Win e Myron se separaram. Win subiu para o escritório; ligou o computador e copiou tudo o que pôde para um disquete. Myron encontrou a secretária eletrônica num cômodo que costumava ser chamado de “estar íntimo”, mas que os ricos agora chamavam de “sala Califórnia” ou “sala de lazer”. A secretária informava o horário e a data de cada mensagem. Mais conveniente impossível. Myron apertou o botão. Logo na primeira mensagem, que a voz digital informava ter sido recebida às 21h18 da noite em que Greg sumira, Myron encontrou algo interessante.

Com a voz meio trêmula, uma mulher dizia: “Aqui é a Carla. Te espero na cabine dos fundos até meia-noite.” *Clic*.

Myron ouviu novamente. Ao fundo se ouvia uma cacofonia de conversas, música e taças tilintando. A ligação decerto havia sido feita de um bar ou restaurante, sobretudo em razão da referência à tal cabine. Pois bem: quem seria a tal Carla? Uma namorada? Provavelmente. Quem mais ligaria tão tarde para marcar um encontro ainda mais tarde naquela noite? Mas, claro, aquela não havia sido uma noite como outra qualquer. Greg Downing havia desaparecido em algum momento entre aquela ligação e a manhã seguinte.

Estranha coincidência.

Onde teriam eles se encontrado afinal? Se é que Greg de fato chegara ao tal restaurante ou bar. E por que Carla, quem quer que ela fosse, parecia tão abalada? Estaria ele, Myron, imaginando coisas?

Myron ouviu o resto das mensagens. Nenhuma outra de Carla. Se Greg não tivesse ido ao seu encontro, ela não teria ligado outra vez? Provavelmente. Portanto, Myron podia presumir com certa segurança que Greg Downing havia se encontrado com a tal Carla em algum momento antes de seu sumiço.

Uma pista.

Também havia quatro ligações de Martin Felder, o agente de Greg, que a cada mensagem parecia mais agastado. A última dizia: “Porra, Greg, por que você não liga de volta? Essa sua contusão no tornozelo foi mais grave do que eu pensava? Mas nem pense em dar perdido nesse momento, justo agora que vamos fechar negócio com a Forte. Me liga, ok?” Havia ainda três ligações de um certo Chris Darby, que aparentemente trabalhava para a Forte Sports Incorporated. Como Martin, parecia preocupado: “Marty não quer me dizer onde você está. Acho que está fazendo algum tipo de jogo com a gente, Greg, tentando subir o preço, sei lá. Mas temos um acordo, não temos? Olha, vou lhe dar meu número de casa, está bem? E essa contusão? O que aconteceu exatamente?”

Myron sorriu. Martin Felder tinha nas mãos um cliente desaparecido, mas estava fazendo o possível para tirar alguma vantagem do fato. Ah, os agentes.

Ele apertou um botão da secretária eletrônica diversas vezes, e a certa altura o display de LED mostrou o código numérico que Greg havia criado para ligar e ouvir suas mensagens: 173. Um truque relativamente novo no ramo. Agora Myron poderia ligar a qualquer hora, digitar 173 e ouvir todo o conteúdo da máquina. Em seguida ele apertou o botão de rediscagem. Outro truque relativamente novo. Descobrir para quem Greg havia ligado pela última vez. O telefone tocou duas vezes e foi atendido por uma mulher, que disse: “Kimmel Brothers”. Quem quer que eles fossem. Myron desligou e foi ao encontro de Win no andar de cima.

Win continuava a copiar arquivos do computador enquanto Myron vasculhava as gavetas. Nada especialmente útil.

Eles foram juntos para a suíte do casal. A cama king-size estava arrumada. Ambas as mesinhas de cabeceira estavam atulhadas de canetas, chaves e papéis. Ambas.

Curioso para um homem que morava sozinho.

Correndo os olhos pelo quarto, Myron se deparou com uma poltrona de leitura que fazia as vezes de cabideiro. As roupas de Greg se encontravam jogadas sobre um dos braços e o espaldar. Normal, ele pensou. Era mais organizado que seu próprio quarto – o que não queria dizer muito. No entanto, observando melhor, percebeu algo estranho no outro braço da cadeira. Duas peças de roupa: uma blusa branca e uma saia cinza.

Ele olhou para Win.

– Talvez sejam da Macaca – disse Win.

Myron fez que não com a cabeça.

– Faz meses que Emily não mora mais aqui. Por que as roupas dela estariam jogadas nessa cadeira?

O banheiro se revelou igualmente desinteressante. Uma grande banheira de hidromassagem à direita, um amplo chuveiro com sauna e dois nécessaires sobre a bancada. Antes de qualquer coisa eles examinaram os nécessaires. Um deles continha um tubo de creme de barbear, uma lâmina Gillette Atra, um frasco de pós-barba Polo, um desodorante roll-on. O outro continha um estojo de maquiagem aberto, um vidro de perfume Calvin Klein, talco infantil e um desodorante Secret. Junto da bancada, o chão estava polvilhado de talco. Também havia duas lâminas de barbear descartáveis sobre a saboneteira da hidro.

– Ele tem uma namorada – observou Myron.

– Não diga – devolveu Win. – Um jogador de basquete profissional com uma princesa núbia. Uma revelação e tanto. Talvez um de nós devesse gritar: “Eureka!”

– Sim, mas isso levanta uma questão interessante – continuou Myron. – Caso

se trate mesmo de uma namorada, ela não teria acionado a polícia depois do sumiço de Greg?

– Não se eles estiverem juntos.

Myron assentiu e contou a Win sobre a enigmática mensagem de Carla.

Win balançou a cabeça.

– Se estivessem planejando uma fuga – argumentou –, por que ela lhe diria onde encontrá-la?

– Ela não disse onde. Apenas que estaria na cabine dos fundos até a meia-noite.

– Ainda assim – ponderou Win. – Não é o tipo de coisa que uma pessoa faça antes de desaparecer. Digamos que por algum motivo Carla e Greg tenham decidido sumir por uns tempos. Não seria mais lógico que Greg soubesse de antemão onde encontrá-la?

Myron deu de ombros.

– Talvez ela tivesse mudado o lugar do encontro.

– De onde para onde? Da cabine da frente para a cabine dos fundos?

– Como é que eu vou saber?

Eles vasculharam o resto do segundo andar. Nada de muito interessante. O quarto do filho de Greg tinha papel de parede com motivos automobilísticos e um pôster do pai driblando Penny Hardaway para fazer um arremesso de bandeja. O da filha era decorado em tons de roxo com dinossauros e motivos do seriado *Barney e seus amigos*. Nenhuma pista. Aliás, nenhuma outra pista seria encontrada antes que eles descessem ao porão.

Tão logo acendeu as luzes, Myron a avistou.

Tratava-se de um porão organizado, de cores muito vivas, que servia de quarto de brinquedos para as crianças. Lá se viam diversos carrinhos, blocos de Lego e uma casinha de plástico com escorregador. Nas paredes, cenas de filmes da Disney, como *Aladdin* e *O Rei Leão*. Havia uma televisão e um aparelho de vídeo, além de coisas para quando as crianças crescessem: uma máquina de fliperama, uma jukebox. Espalhados pelo piso, pequenas cadeiras de balanço, colchonetes e sofazinhos surrados.

Também havia sangue. Muito sangue, respingado pelo chão. Além de manchas grandes nas paredes.

Myron teve náuseas. Vira sangue muitas vezes na vida, mas ainda não tinha se acostumado. O que não era o caso de Win, que parecia estar se divertindo ao se aproximar de uma das manchas vermelhas. Ele se inclinou para ver melhor. Depois se reergueu e disse:

– Vejamos as coisas pelo lado bom: é possível que sua vaga nos Dragons se torne permanente.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br